



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v26n01/2019p180-201>

TRAGÉDIA GREGA: UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE O CONTO “THE ROAD FROM COLONUS”, DE E.M. FORSTER E *ÉDIPUS EM COLONO*, DE SÓFOCLES

GREEK TRAGEDY: A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN THE SHORT STORY “THE ROAD FROM COLONUS” BY E.M. FORSTER AND OEDIPUS AT COLONUS BY SOPHOCLES

Roberta Maria Righetto¹

Data de recebimento: 10/04/2019

Data de aceite: 25/05/2019

RESUMO: Ao longo de sua produção ficcional, E.M. Forster apresentou diversos protagonistas em viagens por vários países. Através destas viagens, seus protagonistas entram em contato com a cultura estrangeira e com os dilemas resultantes desta experiência. Forster usa este contexto para travar uma crítica à sociedade vitoriana. Neste artigo, objetiva-se realizar um estudo comparado entre o conto intitulado “The Road From Colonus”, publicado em 1904, e a tragédia grega *Édipo em Colono*, de Sófocles. Neste conto, Forster faz uma leitura da tragédia grega, pois seu protagonista, um homem com características semelhantes a Édipo também se encontra em viagem pelos arredores de Colono na sua velhice. A análise propõe estabelecer o objetivo desta releitura e como ela é realizada por Forster. Para realizar esta análise, faz-se necessário estabelecer as teorias que envolvem o conceito de literatura comparada, bem como as características do herói trágico da modernidade para compreender o herói do conto.

PALAVRAS CHAVES: *E.M. Forster; Sófocles; Édipo em Colono*; literatura comparada.

ABSTRACT: Throughout his fictional productions, E.M. Forster presented several main characters travelling around different countries. On their journeys, the main characters get in touch with foreign cultures and dilemmas resulting from this experience. Forster uses this atmosphere to criticize the victorian society. The aim of the present article is to develop a comparative study between the short story called “The Road from Colonus”, published in 1904, and the Greek tragedy, *Oedipus in Colonus*, by Sophocles. In his short story, Forster presents a re-reading of the Greek tragedy, as his main character, an elderly man who is quite similar to Oedipus, is also travelling around Colonus. The analysis intends to establish the objective of Forster’s re-reading and the ways it is done. In order to develop this study, it is required do understand the concepts of comparative literature, as well as the modern tragic hero’s characteristic so as to understand the hero from this short story.

KEYWORDS: E.M. Forster; Sophocles; *Oedipus in Colonus*; comparative literature.

¹ Artigo apresentado à Universidade do Estado do Mato Grosso, como exigência parcial para conclusão da disciplina: Tópicos de literatura comparada, ministrada pelos professores Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva, Dr. Benjamin Abdala Júnior e Drª. Vera Lúcia Mâquea no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários – Nível de Mestrado. Orientador da dissertação: Dr. Hélio Gomes Moraes Júnior





A literatura comparada

O conceito de literatura comparada foi e continua a ser problematizado. Carvalho (2007) defende que a definição, que parece evidente, torna-se dúbia ao explorar os diversos estudos que se denominam comparados. No entanto, a autora evidencia que o ato de comparar é inerente à natureza humana; desta maneira, na literatura isto não seria diferente, ressaltando ainda que literatura comparada não é um método e, sim, um ato mental que promove confrontos. Carvalho alcança estas conclusões após analisar diversos críticos que apresentam suas teorias do que compreende a literatura comparada, entre eles, René Wellek.

O crítico literário Wellek (1958), em seu ensaio intitulado “A Crise da Literatura Comparada”, apresenta uma perspectiva mais ampla que seus contemporâneos, ao defender que cabe à literatura comparada um estudo que estabeleça um diálogo e uma ligação constante entre a história, a crítica e a teoria da literatura. O crítico enfatiza que a crise que o mundo passa desde 1914 afeta diretamente os estudos literários, pois, para ele, é decorrente desta crise que surgem os conflitos de métodos que tornam impossível estabelecer um objeto de estudo definido e uma metodologia específica.

Neste mesmo ensaio, Wellek afirma ser impossível separar literatura comparada de literatura geral, uma vez que as fronteiras entre elas não podem existir porque “a história literária e as pesquisas literárias têm um único objeto de estudo: a literatura” (WELLEK, 1994, p.109). O crítico evidencia que o termo literatura comparada refere-se a qualquer estudo literário que ultrapasse as fronteiras de uma literatura nacional, independente de diferenças linguísticas,



étnicas ou políticas, com o objetivo de “combater o falso isolamento das histórias literárias nacionais” (WELLEK, 1994, p.109).

Percebe-se que, para Wellek, além de não ser possível realizar o estudo de uma literatura nacional de forma isolada do estudo da totalidade da literatura, não cabe à literatura comparada realizar estudos que promovam o nacionalismo cultural, mas sim determinar valores e qualidades de uma obra de arte através de uma análise fundamentada por princípios críticos.

Todavia, Wallek não apresenta uma linha definida para seguir na análise comparada, mas expõe as lacunas das propostas clássicas tais como “o exagerado determinismo causal das relações, a ênfase em fatores não-literários, a análise dos contatos sem atentar para os textos em si mesmos, o binarismo reducionista” (CARVALHAL, 2007, p.39).

O ensaio de Wellek contrapõe-se a diversos críticos por estes defenderem o historicismo dominante nos estudos literários comparados. Dentre estes críticos mencionados por Wellek, encontra-se Van Tieghem. Para Van Tieghem (1994, p. 96), é função da literatura comparada pesquisar e analisar os “resultados obtidos pela história literária de uma nação” em contraste com outras literaturas. Entretanto, neste processo, as histórias literárias nacionais não são substituídas, mas se apresentam mais completas e unidas resultando em um *corpus* “de uma história literária mais geral”. Sendo assim, para Van Tieghem, opondo-se a Wellek, a literatura comparada distingue-se da literatura geral.

No entanto, como Weisstein (1994) salienta ao discutir as diversas teorias ligadas ao conceito literatura comparada, a literatura geral de Van Tieghem não é a resposta final para o estudo literário, dado que, para Weisstein, este conceito implica que o crítico se posiciona em uma “zona fronteira” por ele denominada



de *no man's land* (WEISSTEIN, 1994, p.326). Ao se encontrar neste ponto, o crítico pode se estender além dos domínios da própria literatura ou das áreas de conhecimento, como a “filosofia, teologia ou outros modelos sistemáticos de pensamento abstrato” (WEISSTEIN, 1994, p.327), esquecendo-se que a função da literatura é a preservação e propagação de valores culturais.

Sendo assim, Weisstein (1994) chama atenção daqueles que estão a analisar uma obra a determinar as posições exatas das áreas de conhecimento estabelecidas no seu objeto de estudo, independente de optarem por uma análise mais clássica, como a imposta pela escola francesa, ou por uma mais ampla.

Em sua análise, Weisstein (1994), após discorrer sobre os conceitos de literatura comparada e de literatura geral, apresenta o conceito de literatura mundial, *Weltliteratur*, defendido por Goethe. Na concepção de Goethe, literatura mundial referia-se apenas ao fato de reconhecer a literatura de outro país, respeitá-la, mas preservando as características inerentes a cada uma.

Contudo, Damrosch (2003), em seu livro *What Is World Literature?*, definindo o termo literatura-mundo como “all literary works that circulate beyond their culture of origin, either in translation or in the original language²” (DAMROSCH, 2003, p.04), parte do conceito de Goethe somente para contextualizar o termo. Damrosch defende que ao atravessar fronteiras nacionais, a obra literária se transforma, pois, para ele, nesta travessia são transferidos ideias e conceitos de duas culturas distintas. A obra, então, passa a ter dois focos, um no país de origem e outro no receptor. O autor diz que o fator mais relevante nesta viagem da obra é a maneira de lê-la, uma forma que ultrapasse o lugar e o tempo e propicie a interação entre culturas e períodos diferentes do original.

² “toda obra literária que circula além de sua cultura de origem, através da tradução ou em sua língua original” (tradução nossa)





Percebe-se que para Damrosch (2003), literatura-mundo não se ocupa apenas do cânone, mas sim do modo de circulação e leitura da obra. Uma das maneiras para a circulação destas obras dá-se através da tradução. Destarte, o autor enfatiza o valor da tradução, pois para ele, “world literature is writing that gains in translation” ³(DAMROSCH, 2003, p.281). Este ganho se dá tanto no país de origem como no estrangeiro devido ao compartilhamento cultural promovido neste processo. Para ele, nem todas as obras são passíveis de tradução, pois como acontece com alguns poemas, devido sua estreita ligação com a língua de produção, a sua tradução poderá resultar em perdas de significados.

Conquanto, ao observar a crescente produção literária para atender este mercado estrangeiro, Damrosch (2003) também questiona a qualidade desta produção a ser traduzida. Para ele, na sociedade capitalista, as editoras tendem a escolher produções que atendam à demanda de seus leitores e não àquelas que contribuam culturalmente para ambos. Ao mesmo tempo que estas editoras facilitam a circulação destas obras de literatura-mundo, elas também podem deturpar o conceito de literatura-mundo para atender o mercado globalizado.

Considerando a qualidade da obra literária ser fator fundamental para a análise comparada, Sarteschi (2008) apresenta uma concepção de estudo que respeita a coexistência dos textos, não privilegiando o hipotexto, nem denegrindo o sucessor. Para ela,

devemos ser capazes de comparar textos que trazem uma forma de pensar diversa da nossa e sermos capazes de interpretá-la em conjunto, porém cada uma delas composta de uma pauta e um desenvolvimento, com suas formações e lógicas internas, refletindo um sistema de reflexão externo, todas elas interagindo e coexistindo entre si (SARTESCHI, 2008, p. 302).

³ “literatura-mundo é a escrita que cresce com a tradução.” (tradução nossa)





Observa-se que para Sarteschi um texto não se sobrepõe ao outro, na verdade, o julgamento entre os textos não é o propósito da comparação, a relevância deste estudo está justamente na reflexão gerada deste diálogo entre as obras e nas implicações para a forma de pensar do leitor. A análise comparada se justifica quando os textos comparados contribuam para a interação de ambos os textos.

As obras “The Road From Colonus” e *Édipo em Colono*

Forster, escritor inglês, reverenciado também como biógrafo e crítico literário, dedicou-se à contística naquele momento em que o conto se consolidava como gênero literário, antecedendo as suas produções em demais gêneros. O autor destaca-se por sua crítica e ironia ao modo de vida da sociedade inglesa de fins do século XIX e início do século XX, abarcando, em sua produção ficcional, temas recorrentes e divergentes entre si, tais como: ignorância/sabedoria, alegria/tristeza, vida/morte, juventude/velhice, mundo natural/mundo civilizado.

O desenvolvimento destes temas dá-se através de personagens que estão a viajar em busca de autoconhecimento. Uma das formas para esta busca são as viagens a outros países, entre eles, a Grécia. Nestas viagens, Forster usa várias personagens que relutam em compreender o modo de vida do outro por considerarem o estrangeiro inferior aos ingleses. Partindo deste ponto, o autor faz uma crítica severa à sociedade inglesa, com o objetivo de que seu leitor, membro desta sociedade, considerada por ele hipócrita, reflita e perceba o falso moralismo que o cerca e, além desta tomada de conhecimento, Forster sugere um modo de vida mais simples e digno.



No conto “The Road From Colonus” publicado em 1904, Forster faz uma releitura da tragédia grega *Édipo em Colono*, de Sófocles. Neste conto, ainda sem tradução em língua portuguesa, o protagonista, Mr. Lucas, um homem velho, juntamente com sua filha, Ethel e outros ingleses, estão em viagem pelos arredores de Colono, na Grécia. Ao chegar a este vilarejo rodeado por grandes árvores, Mr. Lucas percebe a beleza de uma árvore oca, que de certa forma, o abraça ao som da nascente que corre dela. Ao entrar na árvore, Mr. Lucas é tomado por toda a beleza que existe naquele lugar, não apenas a beleza estética, e encontra o que buscava dentro de si, o verdadeiro significado da vida. Seus companheiros de viagem, por sua vez, somente reconhecem a beleza turística daquele lugar. Mr. Lucas ficaria ali até o final dos tempos, porém isto lhe é impedido.

Enquanto ele ficaria ali até o fim de seus dias, seus acompanhantes, liderados por sua filha, dizendo “What a perfectly ridiculous idea. You must have known I was joking” (FORSTER, 1985, p.101)⁴, caracterizam aquele ambiente como selvagem, inapropriado para pessoas civilizadas permanecerem por mais de algumas horas, somente alguém que não possuísse suas faculdades mentais, ou jocosamente, sugeriria tal hipótese.

Como a arrogância dos jovens, denominada de bom senso, prevalece sobre os desejos dos mais velhos, Mr. Lucas é obrigado a voltar para Londres, para sua vida de velho dependente à espera do fim de sua existência, sem poder de escolha ou autoridade sobre suas vontades mais íntimas. Após certo tempo, Ethel, sua filha, recebe alguns bulbos de asfódelos embrulhados em jornal e ao ler este jornal, apenas para testar seu conhecimento da língua grega, descobre que se não tivessem partido naquele dia, teriam morrido, pois aquela árvore pela qual se encantaram não

⁴ “Que ideia absolutamente ridícula. Você deveria saber que eu estava brincando.” (tradução nossa)





resistiu a uma tempestade e caiu sobre a pensão onde se hospedariam, vitimando fatalmente aqueles que lá estavam.

Logo no início do conto, após uma breve descrição do protagonista, Mr. Lucas, afirmando que “he was perhaps reaching the age at which independence becomes valuable, because it is so soon to be lost” (FORSTER, 1985, p.95)⁵, o narrador apresenta a beleza da natureza grega chamando a atenção do leitor ao compará-la com a própria Inglaterra.

Even in England those trees would have been remarkable, so huge were they, so interlaced, so magnificently clothed in quivering green. And here in Greece they were unique, the one cool spot in that hard brilliant landscape, already scorched by the heat of an April sun (FORSTER, 1985, p.95)⁶.

Ao dizer que mesmo no seu país aquelas árvores seriam notáveis, o narrador, aparentemente, não gera uma repulsa no leitor em prosseguir com a leitura da obra e o envolve a descobrir o porquê da beleza ser tão extraordinária naquele lugar, por ele encontrado. De maneira sutil, o narrador convence seu leitor a continuar a viagem com Mr. Lucas.

A partir desta breve introdução, o narrador apresenta as comparações entre suas personagens e as de Sófocles. Como Mr. Lucas, um velho, e uma de suas filhas, Ethel, estão em Colono, as demais personagens são responsáveis para estabelecer as semelhanças entre eles e Édipo e Antígona, que também se apresentam naquele lugar na peça *Édipo em Colono*. No entanto, o narrador

⁵ “Talvez, ele estava com uma idade em que a independência se tornara algo valioso, pois logo ela seria perdida” (tradução nossa)

⁶ “Até mesmo na Inglaterra aquelas árvores teriam sido impressionantes, elas eram imensas, tão entrelaçadas, tão magistralmente vestida em um trêmulo verdejante. Elas eram únicas aqui na Grécia, aquele ponto refrescante naquela paisagem brilhante, já chamuscada pelo calor do sol de abril.” (tradução nossa)



evidencia que estas semelhanças são restritas, pois para ele, ambos eram homens idosos em busca de purificação, sentido para vida, naquela viagem por terras estrangeiras. Mr. Lucas tem a oportunidade de alcançar plenitude e vigor através daquele bosque e dos elementos presentes naquele ambiente intacto pelo homem civilizado, identifica-se com Édipo, que depois de ser exilado de Tebas e cego, encontra seu lar no bosque sagrado.

Observa-se que o bosque desperta reações similares nas duas personagens que buscam refúgio e sentido para a vida no final de seus dias. Édipo afirma “o meu destino cheio de infelicidade disse que este lugar seria o meu refúgio, depois de errar por muitos anos, ao chegar a este solo onde acharia finalmente um paradeiro acolhedor, inda que fosse para encerrar aqui a minha triste vida” (SÓFOCLES, 1998, p.108), e Mr. Lucas exclama “I never saw anything so marvellous before”⁷ (FORSTER, 1985, p.97). Neste momento de encantamento do protagonista, o narrador sugere ao leitor a existência de lugares mais belos que seu país de origem, lugares onde a simplicidade proporcionaria um modo de vida mais digno e feliz. Esta inferência dá-se através da escolha do adjetivo *marvellous* e advérbios *never* e *before*, uma vez que o adjetivo expressa beleza suprema e os advérbios, por outro lado, enfatizam que aquela experiência era inédita em toda a existência de Mr. Lucas.

Além da comparação de Mr. Lucas com Édipo, no conto, Ethel, sua filha é superficialmente comparada a Antígona. Conquanto Trilling (1964) classifique Ethel como uma “falsa Antígona”, ela é uma filha dedicada, cuida de seu velho pai, mas não realiza seus desejos, ela apenas concorda com ele para

⁷ “Eu nunca vi algo tão maravilhoso anteriormente” (tradução nossa)





evitar embates, mas sempre faz aquilo que seria o convencionalmente correto a uma filha de um pai idoso, prevalecendo sempre sua vontade em supressão à de seu pai. Um exemplo claro de suas atitudes convencionalmente estabelecidas ocorre quando, ao mesmo tempo em que concorda que deveriam ficar naquele local por pelo menos uma semana, “You mean a week, papa! It would be sacrilege to put in less” (FORSTER, 1985, p.59), ela muda seu discurso dizendo “you didn’t think I meant it” (Ibidem, p.60), pois foi apenas uma forma para concordar que o lugar era realmente belo, era a frase esperada em um momento de contemplação. Ethel jamais suplicaria pelo pai como Antígona ao interromper seu pai e o coro e clamar

Estrangeiros de alma benevolente, não quisestes ouvir meu velho pai depois de conhecer os seus pecados involuntários; tende piedade, então, de mim, que sou tão inditosa, quando venho fazer-vos um apelo por este mesmo pai, um desvalido. Meus olhos não são cegos e com eles postos nos vossos quero suplicar-vos por ele como se corresse em mim o vosso sangue: tende compaixão deste infeliz! (SÓFOCLES, 1998, p.116).

Todavia, durante a narrativa, percebe-se que o homem civilizado, representado pelas demais personagens, tem outras prioridades e conceitos. Para os demais companheiros de viagem do protagonista forsteriano, a compreensão da beleza natural se dá apenas artificialmente, a beleza observada pelo turista que está em busca do exótico para comparar e inferiorizar o estrangeiro perante sua suposta supremacia. Isto é evidente quando o narrador diz: “their enthusiasm was superficial, commonplace, and spasmodic. They had no perception of the coherent beauty that was flowering around them”⁸ (FORSTER, 1985, p.99). Para Mr. Lucas, seus companheiros jamais defenderiam aquele lugar como o Estrangeiro de

⁸ “Seu entusiasmo era superficial, banal e esporádico. Eles não tinham percepção alguma da beleza consistente que os rodeava.” (tradução nossa)





Sófocles. Para o Estrangeiro, aquele bosque era de propriedade divina e deveria ser respeitado por todos, somente as Eumênides teriam o poder de decisão por acreditarem que “ninguém pode pisá-lo nem demorar nele, pois suas donas são as deusas pavorosas” (SÓFOCLES, 1998, p. 105).

As atitudes do homem helênico contrapõem-se com as do homem civilizado de Forster em diversos momentos do conto, desde o primeiro encontro com o bosque até o desfecho da narrativa. A valorização do mundo natural está em contraste frequente com o mundo civilizado. O mundo natural seria fonte da vida e do saber enquanto o mundo civilizado seria a fonte da hipocrisia, um mundo onde o homem exerceria papéis a ele impostos pela sociedade que o cerca. O embate entre estes dois mundos gera diversas situações que propiciam a tomada de consciência do homem civilizado.

Uma das críticas mais ácidas ao modo de vida do homem civilizado se dá quando Forster usa o narrador, para demonstrar a supervalorização da juventude perante a velhice dizendo “his silence was meaningless as his speech” (FORSTER, 1985, p.96)⁹. A senectude não tem mais relevância para a sociedade capitalista, a experiência de vida dos mais velhos não interessa aos mais jovens, pois estes são considerados mais sensatos e adequados para atender as demandas do sistema vigente. A juventude moderna jamais confiaria em um velho como Teseu, rei de Atenas, confia em Édipo, um velho e cego, ao pedir a ele que atitude deveria tomar quando indaga: “Convences-me, pois sei que já fizestes muitas profecias, Édipo. Dize-me agora o que me compete fazer” (SÓFOCLES, 1998, p. 179).

O velho de Forster, diferentemente de Sófocles, locomove-se sem auxílio e não perdeu a capacidade de enxergar, mas sua idade o condena a viver à margem

⁹ “seu silêncio era tão insignificante quanto seu discurso” (tradução nossa)





do grupo que o cerca. Sua idade gera paraplegia e cegueira social. Mr. Lucas mostra-se ciente que este é um aspecto natural do processo de envelhecimento no homem de seu tempo, porém, ao chegar na Grécia, sente que algo se transforma em si e o desejo de lutar retorna para sua vida. Para ele, o desejo de viver e viver com um propósito é característica do jovem, mas como a “Greece is the land for young people” (FORSTER, 1985, p.97),¹⁰ ele compreende de onde advém seu desejo de continuar a viver e lutar. Assim como Édipo, que travou suas lutas por seu povo enquanto jovem, Mr. Lucas encontra na energia que emana daquele lugar forças para voltar a lutar por seus ideais. Ele descobre que ser velho é algo que não lhe agrada e decide lutar para reconquistar seu livre-arbítrio.

Ao mesmo tempo que Mr. Lucas afirma que o fato de ser velho o incomoda “I do mind being old” (FORSTER, 1985, p.97)¹¹, ele decide que cessará o fingimento de que tudo está certo enfatizando: “[...] I will, pretend no longer” (Ibidem)¹². Estas duas constatações são decorrentes das transformações em seu modo de pensar causadas pela viagem àquele país. Viagem esta que, por mais de quarenta anos, fora um de seus objetivos de vida, pois ele já havia sido tomado pela “fever of Hellenism” (Ibidem, p.96) quando jovem.

O contato com a natureza tem o poder de purificação nas duas obras analisadas. Édipo tem o seu momento de epifania ao entrar no bosque sagrado, é um momento de libertação de seu sofrimento e do sofrimento de suas filhas, que o seguiram até aquele sítio. Ele é preparado para entrar em solo sagrado, sentado sobre a rocha, livre do ambiente profano, às sombras da “pereira oca” enquanto suas filhas livram seu corpo das impurezas terrenas com água trazida da colina

¹⁰ “A Grécia é a terra dos jovens.” (tradução nossa)

¹¹ “Eu realmente me importo ser velho.” (tradução nossa)

¹² “e não irei fingir mais.” (tradução nossa)





dedicada à deusa Deméter. O que acontece dentro do bosque não é de conhecimento público, nem às filhas os detalhes são revelados. Édipo, o cego, conduz apenas Teseu ao lugar onde seu corpo repousará. Teseu, por acreditar na profecia do cego ancião que seu silêncio é a garantia da proteção dos deuses ao seu reino, somente o revelará em seu próprio leito de morte ao seu súdito mais digno. Em seguida, sozinho e purificado, o herói grego segue seu o caminho acolhido pelos deuses.

Mr. Lucas tem o mesmo contato com os elementos naturais que Édipo ao chegar no bosque. Ele explora a árvore oca, sente o poder da água que nasce sob seus pés, percebe que através deste encontro, não está mais sozinho ou triste. A energia do mundo natural restaura sua juventude e, conseqüentemente, seu desejo de lutar. Mesmo passando por estas transformações, sua maior surpresa é a descoberta que a partir deste momento, as coisas ruins não existem mais, somente as boas. Ele é um homem completo naquele ambiente simples e preservado, seu desejo é permanecer ali até o fim de seus dias, pois nada o faria mais feliz.

No entanto, opondo-se ao herói da tragédia de Sófocles, Mr. Lucas tem sua experiência apoteótica interrompida. Após finalmente encontrar seu lugar, ele é obrigado a prosseguir sua viagem pelas outras cidades gregas e voltar para a Inglaterra. Sua filha Ethel e demais acompanhantes, que, retoricamente, no primeiro momento concordam com a beleza e suas permanências por um período mais longo, literalmente arrastam o protagonista do seu bosque. Com esta partida compulsória, Mr. Lucas não é mais o mesmo homem que se encontrara em Colono, seu regresso é a sentença para o velho homem apenas esperar por sua morte física em Londres.



Colono, um vilarejo nos arredores de Atenas, representa no conto e na peça uma zona de fronteira, é neste local que ambos encontram o que procuram após suas longas jornadas, eles não precisam ser cidadãos atenienses, apenas encontram um lugar para seu repouso eterno. De acordo com Vidal-Naquet (2008, p.311), na peça grega, Colono não é limite de Atenas, mas de Tebas, “a anticidade”, aquela que exilou Édipo por seu crime de parricídio seguido de incesto. Embora Édipo continue a ser um estrangeiro, as terras de Colono o protegem de Tebas e o transformam em um herói, pois seu túmulo garante à Atena a proteção contra a tirania e injustiça tebana. Ele não é de Colono, mas está em Colono, não em um lugar qualquer, está no bosque sagrado distante do espaço profano. Mr. Lucas não tem oportunidade de estar em Colono, sua viagem continuaria dali para frente ainda, o que é sugerido pelo próprio título do conto quando se considera a preposição inglesa *from*. Esta preposição, por sua vez, determina a procedência de algo, não o fim. A viagem de Mr. Lucas ocorreu partindo de Colono, sendo assim, sua viagem tem sentido inverso. Seu martírio iniciaria em Colono, o seu exílio teve início ali, vagaria para a sua Inglaterra, renunciando ali sua chance de alcançar a imortalidade.

Mr. Lucas, assim como Édipo, convive com as limitações da idade avançada e é ciente das consequências de sua permanência ou não naquele lugar. Estas consequências são diferentes, pois, para Édipo, sua permanência garante prosperidade e segurança ao reino de Teseu, além de ser sua oportunidade de descanso eterno, o fim de sua peregrinação terrena. Mr Lucas, no entanto, enfrenta duas situações opostas; ao permanecer, ele encontrará a própria salvação, não importando o tempo que ele ainda viverá. Contudo, sua partida comprovará a sua derrota humana. O embate entre esta tomada de conhecimento, sua busca por



autorrealização e a constatação de frustrações, apresentam, no conto, uma ação trágica. Porém, esta ação se difere daquela apresentada na tragédia grega.

O trágico na modernidade e sua representação no conto de Forster

Tanto Raymond Williams quanto Terry Eagleton discutem como o trágico é representado na modernidade. De acordo com Williams (2002), a nova tragédia apresenta maior enfoque no indivíduo, uma vez que o herói atual trava uma luta entre si, a realidade que o cerca e os conflitos que o consomem. Para ele, esta é a diferença entre o herói atual e o da tragédia grega. No mundo moderno não existe mais a coletividade do mundo grego. Desta forma, a ação trágica atual reside na psicologia individual e não na história, como nas tragédias gregas.

Eagleton (2013, p.60), por sua vez, defende que “o indivíduo, na ânsia de contrariar os valores da sociedade, afirma-se, mas se depara com a resistência da força que ele negara: o sistema sócio político-econômico que atravança a busca pela liberdade plena”. Para ele, a tragédia moderna advoga a experiência do indivíduo perante o coletivo e, ainda, constata que este indivíduo se encontra sozinho em uma sociedade com atitudes medíocres que o distanciam de seus desejos.

Eagleton (2013) afirma que o gênero do romance, ao dar voz ao indivíduo, é o grande fortalecedor do trágico na modernidade, uma vez que este gênero expõe o conflito entre o indivíduo e mundo moderno, mas demonstrando que nem sempre haverá conciliação entre as duas forças. O romance aceita e articula bem os elementos de outros gêneros e, por não apresentar uma estrutura rígida, o trágico ganha novas formas através dele. Sendo assim, o romance renova o sentido do



trágico no momento em que este passa a retratar uma modernidade fragmentada devido ao desencanto frente a constatação das diferenças entre o indivíduo e a sociedade. De acordo com Candido (2009, p.67), o romance não reproduz a vida no coletivo, e sim de um indivíduo. Neste ponto de isolamento, o trágico moderno toma forma e representa a batalha deste homem consigo, contra o seu grupo e depois contra uma sociedade fortificada em relações falsas.

O protagonista de Forster é este indivíduo definido por Candido (2009). Mr. Lucas passa por um processo de autoconhecimento ao chegar no bosque, reconhece a superficialidade das atitudes daqueles que o acompanham e depois, ao regressar para Londres, é dominado pelos padrões sociais impostos a um homem idoso. Partindo deste pressuposto e referindo-se a Cox (1963), que afirma que uma das principais características da produção ficcional de Forster é a defesa da tolerância e respeito pelo indivíduo, observa-se que seu herói segue o padrão do herói moderno definido por Williams (2002). Mr. Lucas é um homem em crise consigo mesmo, principalmente pelo fato de estar envelhecendo. As ações partem da sua necessidade, dos seus conflitos.

He had this in common with Oedipus, that he was growing old. Even to himself it had become obvious. He had lost interest in other people's affairs, and seldom attended when they spoke to him. He was fond of talking himself but often forgot what he was going to say, and even when he succeeded it seldom seemed worth the effort (FORSTER, 1985, p.96)¹³.

¹³ O que ele tinha em comum com Édipo era que ele estava envelhecendo. Isto já tinha se tornado óbvio até mesmo para ele. Ele tinha perdido o interesse pelas outras pessoas, e raramente prestava atenção quando conversavam com ele. Ele apreciava conversar, mas esquecia o que estava a dizer, e mesmo quando lembrava, raramente parecia valer o esforço.” (Tradução nossa)





Na passagem acima, O narrador explicita que o protagonista, assim como Édipo, está envelhecendo, mas segue a descrição de dilemas inerentes a um homem velho do mundo civilizado. Forster apresenta o “drama do homem comum”, um típico representante da classe média vitoriana, que sofre as consequências impostas pelo processo de envelhecimento.

Apesar de ambos se apresentarem cansados em virtude da longa trajetória vivida, suas atitudes para com o meio os distanciam. Diferentemente de Édipo, Mr. Lucas é um homem egoísta, ressentido pela condição que a idade lhe impôs, enfrentando dilemas próprios. Enquanto o herói grego, de acordo com Bonnard (1980), batalha para que o mundo seja melhor, o herói moderno trava lutas consigo e com o meio em busca de autoconhecimento. Frente a estas lutas deste indivíduo moderno, encontra-se a ação trágica do conto, ou seja, esta ação “trágica não é [...] a confirmação da desordem, mas a compreensão, a experiência dessa desordem” (WILLIAMS, 2002, p.114).

Ao observar que um dos temas que Forster aborda em seus contos com frequência é o tema da morte, pode-se acreditar que esta seja a ação trágica de “The Road from Colonus”. Porém, de acordo com Trilling (1964), a morte para Forster não representa algo negativo, mas benigno, uma oportunidade de salvação, além de ser um fator natural da vida. Em vários de seus contos, o contista enfatiza que o momento trágico acontece na continuidade da existência humana, principalmente quando a ideia de morte se contrasta com a do dinheiro. Eagleton (1943, p.127) enfatiza que muitas vezes a morte do protagonista seria muito mais “misericordiosa” do que continuar sua existência. Forster, por várias vezes, mostra a morte como algo bom, mas nem sempre possível no decorrer da obra.



Analisando o protagonista do conto, concorda-se com Eagleton (1943), pois Mr. Lucas nunca mais foi aquela pessoa enquanto viajava pela Grécia. Ao voltar para a Inglaterra, tornou-se um velho rabugento, indiferente a tudo aquilo que vivera um dia, um ser solitário em meio àquelas pessoas que o cercavam. Nem mesmo a notícia de que a pensão foi destruída e pessoas morreram fez com que ele se comovesse.

À vista disso, o elemento trágico do conto “The Road from Colonus” não está na morte das pessoas causada pela tempestade, mas na morte da capacidade humana de compreender o outro. Esta morte é representada pelo que acontece a Mr. Lucas. Sua alma morre junto com aquelas pessoas da Grécia, no dia em que é obrigado a aceitar aquilo que sua filha demanda. Mr. Lucas encontrou sua morte digna em Colono, ali ele estaria em paz e feliz, mas teve que prosseguir com seu corpo adiante e voltar a ser o típico senhor idoso que todos já conheciam e aceitavam.

A morte psicológica de Mr. Lucas representa o confronto de vários conceitos enfatizados no conto. Primeiramente, ao retornar para a Inglaterra, o protagonista está morto, pois seu sonho de “morrer lutando” que havia surgido naquela viagem, o vigor que aquele lugar oferecia fora tirado e para se manter como ser vivo, tinha que apenas atender às convenções impostas a um homem de sua idade e esperar pacificamente por seu fim, mas sem a sensibilidade e vitalidade que descobrira em Colono.

Além desta morte psicológica de Mr. Lucas, observa-se a morte da empatia. Ao ler a notícia sobre o incidente no vilarejo, Ethel, a “falsa Antígona” de Trilling (1964), não se mostra comovida com o que aconteceu com aquelas pessoas, mas simplesmente um sentimento de alívio por ter saído de lá ilesa.



Father, dear father, I must say it: you wanted to stop there. All those people, those poor half savage people, tried to keep you, and they're dead. The whole place, it says, is in ruins, and even the stream has changed its course. Father, dear, if it had not been for me, and if Arthur had not helped me, you must have been killed. (FORSTER, 1985, p.62)

¹⁴

O mesmo acontece com Mr. Lucas ao ouvir sua filha, sem demonstrar alguma comoção, volta a sua tarefa de escrever uma carta para o proprietário da casa, pois não suportava o barulho das crianças da vizinhança, nem o barulho da água corrente, barulho este que havia tanto lhe encantado em sua viagem. Percebe-se, então, a partir desta passagem, que não apenas aquela vila destruída pela tempestade está em ruínas, mas a capacidade humana de compreender o outro também. Até o córrego teve seu curso alterado pelas forças naturais, mas o homem mantém-se estático em sua indiferença. Mr. Lucas e sua filha são apenas exemplares deste homem moderno.

Isto posto, esclarece-se que elemento trágico das duas obras analisadas não reside na morte de seus heróis, uma vez que para Eagleton (2013) a morte do protagonista não é necessária para se caracterizar o trágico. Reside sim, nas batalhas que cada um enfrenta, nos objetivos de cada luta e no desfecho delas. Ambos desejam alcançar a plenitude, mas o desfecho de cada um é diferente. O retorno à Inglaterra, a retomada de antigos hábitos e perpetuação de comportamentos indignos ao homem caracterizam a tragicidade do conto "The Road From Colonus".

¹⁴ Pai, meu querido pai, eu devo falar: você queria parar lá. Todas aquelas pessoas, aquelas pessoas selvagens, tentaram te manter lá e agora elas estão mortas. O lugar todo, diz aqui, está em ruínas, até mesmo o córrego mudou seu curso. Pai, querido, se não fosse por mim, e se Arthur não tivesse me ajudado, você estaria morto. (tradução nossa)



Considerações finais

Ardis (2007) defende que Forster retorna ao mundo grego, à sua rica herança cultural, com a esperança de suprir as lacunas existentes na civilização moderna. Para ele, a civilização grega representa a fonte do conhecimento. Nesta retomada, ele também exalta a força da natureza, pois ela emana uma energia para a transformação do indivíduo em um ser mais simples e digno e, conseqüentemente, menos hipócrita.

Infere-se que Forster faz uma releitura da tragédia grega em seu conto, retomando o trágico de uma maneira distinta de Sófocles. Ao comparar seu protagonista a Édipo, ele evidencia que, enquanto o herói grego prossegue sua jornada para um destino glorioso, o herói moderno não tem a mesma sorte. Nesta comparação, aparentemente, através do narrador, Forster convida seu leitor a procurar por um estilo de vida mais simples, respeitando as leis que realmente importam ao indivíduo. Estas leis, retomadas da herança grega, são simples, pois estão ligadas a elementos naturais, porém estes elementos foram deturpados pela sociedade moderna, o convite reside, então, na busca do essencial para o indivíduo.

Referências

- ARDIS, Ann. Hellenism and the lure of Italy. In.: **The Cambridge Companion to E. M. Forster**, ed. David Bradshaw. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BONNARD, André. **A civilização Grega**; Tradução de José Saramago. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.





CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. [s.l.] São Paulo: Ática, 2007.

COUTINHO, Eduardo de Faria. and CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. [s.l.] Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COX, C.B. **The Free Spirit**. London: Oxford University Press, 1963.

DAMROSCH, David. **What is World Literature?** Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2003.

EAGLETON, T. **Doce Violência: a ideia do trágico**. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

FORSTER, E.M. The Road From Colonus In: **The New Collected Short Stories**. London: Sidgwick & Jackson, 1985.

SARTESCHI, Rosangela. In.: SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Diálogos Literários: Literatura, Comparativismo e Ensino**. São Paulo: Ateliê, 2008

SÓFOCLES. Édipo em Colono In: **Trilogia Tebana**; Tradução de Mário da Gama Kury. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

TRILLING, Lionel. **E.M. Forster**. 2nd Edition. New York: New Directions, 1964.

VAN TIEGHEM, Paul. Crítica Literária, História Literária, Literatura Comparada. In.: COUTINHO, E. F. & CARVALHAL, T. F. (Orgs.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VIDAL-NAQUET, Pierre. Édipo entre Duas Cidades. Ensaio sobre o Édipo em Colono. In.: VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, P. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

WEISSTEIN, Ulrich. Literatura Comparada: Definição. In.: COUTINHO, E. F. & CARVALHAL, T. F. (Orgs.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

WELLEK, René. A crise na Literatura comparada. In.: COUTINHO, E. F. & CARVALHAL, T. F. (Orgs.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WILLIAMS, Raymond. Tragédia e revolução. In.: **Tragédia Moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

